

Revista de Ensino de Geografia

ISSN 2179-4510

www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br

Publicação semestral do Laboratório de Ensino de Geografia – LEGEO

Instituto de Geografia – IG

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

RELATO DE EXPERIÊNCIA E PRÁTICA

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Júlio de Souza Santos¹

RESUMO

O presente relato de experiências objetiva refletir sobre práticas de ensino em Geografia no contexto da sexta série do Ensino Fundamental na Modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), da Unidade Municipal de Ensino Fundamental (UMEF) Macionília Maurício Bueno, situada em Vila Velha-ES. Tomando como referência o paradigma da educação ao longo da vida, na perspectiva da educação popular, a exposição discorre sobre o trabalho pedagógico que buscou articular as experiências, realidades e saberes dos educandos, sintetizadas em temas significativos, com os conhecimentos da área de Geografia, no âmbito de um projeto pedagógico da escola. Constatou-se que a abordagem temática do conhecimento tornou o processo educativo mais participativo e significativo para os educandos.

Palavras-chave: Educação ao longo da vida. Educação popular. Experiência.

REFLECTIONS ON GEOGRAPHY TEACHING IN YOUTH AND ADULT EDUCATION

ABSTRACT

The present experience report aims to reflect on teaching practices in geography in the context of the sixth grade of Elementary Education in the Youth and Adult Education Modality (EJA) of the Municipal Elementary Education Unit (UMEF) Macionília Maurício Bueno, located in Vila Velha-ES. Taking as a reference the paradigm of lifelong education, from the perspective of popular education, the exhibition discusses the pedagogical work that sought to articulate the experiences, realities and knowledge of students, synthesized in significant themes, with the knowledge of the area of geography, within the scope of a school pedagogical project. It was found that the thematic approach to knowledge made the educational process more participatory and meaningful for students.

Keywords: Lifelong Education. Popular Education. Experience.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professor do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) – Campus Vitória. E-mail: julio.santos@ifes.edu.br

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta relatos e reflexões sobre práticas de ensino em geografia que integraram as ações do Projeto Pedagógico intitulado “Cultura e Memória de Vila Velha”, desenvolvido por docentes e equipe técnico-pedagógica da Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), da Unidade Municipal de Ensino Fundamental (UMEF) Macionília Maurício Bueno, situada no bairro Ilha das Flores, no município de Vila Velha, no Estado do Espírito Santo.

No ano de 2015, a UMEF Macionília Maurício Bueno ofertava turmas dos anos finais do Ensino Fundamental nos turnos matutino e vespertino; e turmas dos anos iniciais e finais da EJA, na etapa do Ensino Fundamental, no período noturno.

O Projeto “Cultura e Memória de Vila Velha”, que foi desenvolvido no segundo semestre de 2015, teve como objetivo promover, através de construção coletiva com os sujeitos educandos da EJA da UMEF Macionília Maurício Bueno, a valorização das culturas, das memórias, dos saberes e das experiências populares do município de Vila Velha-ES, com ênfase em comunidades de bairros desses educandos, como Paul e Ilha das Flores.

Partindo desse contexto, essa exposição apresenta reflexões sobre a experiência educativa vivenciada e desenvolvida em 2015 com a turma da sexta série do ensino fundamental, no âmbito do ensino de geografia, na UMEF Macionília Maurício Bueno. Nesse sentido, essa exposição explorou a seguinte problemática: como construir práticas de ensino em geografia que valorizem as experiências, os saberes e as realidades dos sujeitos educandos da EJA?

Nesse sentido, o presente relato de experiências objetiva problematizar as práticas de ensino em geografia no contexto da 6^a série do ensino fundamental na modalidade da educação de jovens e adultos, considerando as experiências, os saberes e as realidades dos sujeitos educandos da educação de jovens e adultos.

Inicialmente, o texto se ocupa de uma breve abordagem de concepções e práticas relacionadas à educação de jovens e adultos no Brasil, com ênfase no contexto da Modalidade EJA da rede municipal de ensino de Vila Velha-ES. Em seguida, discorre sobre as experiências e práticas de ensino em geografia, que foram vivenciadas, desenvolvidas e tecidas com educandos da sexta série do ensino fundamental na Modalidade EJA da UMEF Macionília Maurício Bueno.

2 A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: CONTEXTOS, CONCEPÇÕES E PRÁTICAS

Historicamente no Brasil prevaleceu em grande parte das práticas de educação escolar da educação de jovens e adultos o paradigma compensatório, na perspectiva de preparação de recursos humanos, que inspirou o modelo aligeirado do ensino supletivo, visto como instrumento de reposição de estudos não realizados na infância. Nesse contexto, vigoraram propostas para a EJA desenvolvidas com improvisação pedagógica em parcela considerável do território nacional. Diante desse panorama, torna-se fundamental superar concepções e ações, construídas historicamente, que entendem a EJA com uma educação eventual e de menor qualidade (VENTURA; CARVALHO, 2013).

O paradigma compensatório, que focaliza a escolaridade não realizada ou interrompida no passado, enclausurou a escola para jovens e adultos nas rígidas referências curriculares, metodológicas, de espaço e tempo da escola de crianças e adolescentes, interpondo obstáculos à flexibilização da organização curricular necessária ao atendimento das particularidades desse grupo sociocultural (DI PIERRO, 2005).

O fim da ditadura militar e o processo de redemocratização no Brasil, em meados da década de 1980, criaram o ambiente político-cultural favorável para que os sistemas públicos de ensino recuperassem o legado dos movimentos de cultura e educação popular, e desenvolvessem experiências inovadoras na educação de jovens e adultos. No entanto, de maneira geral, os sistemas de ensino pouco avançaram na superação do paradigma compensatório do ensino supletivo no Brasil. Assim, somente na década de 1990 inicia-se uma lenta transição paradigmática na educação de jovens e adultos, impulsionada pela V Conferência Internacional de Educação de Adultos (Confintea) realizada em Hamburgo – Alemanha, que proclamou o direito de todos à educação ao longo da vida, em consonância com um conjunto de mudanças no pensamento pedagógico e nas relações entre educação e trabalho na sociedade contemporânea (DI PIERRO, 2005).

Nessa lenta transição paradigmática, que possui como marco a Confintea de Hamburgo (1997), duas vertentes importantes consolidaram a educação de jovens e adultos:

[...] a primeira, a da escolarização, assegurando o direito à educação básica a todos, independente da idade, e considerando a educação como direito humano fundamental; a segunda, a da educação continuada, como exigência do aprender por toda a vida, independente da educação formal e do nível de escolaridade, o que inclui ações educativas de gênero, de etnia, de profissionalização, questões ambientais etc., assim como a formação

continuada de educadores, estes também jovens e adultos em processos de aprendizagem [...] (PAIVA, 2006, p. 3-4).

Nesse contexto Pós-Hamburgo (1997), apesar da emergência da vertente da educação ao longo da vida na educação de jovens e adultos trazer possibilidades de ressignificação de processos de aprendizagem pelos quais os sujeitos se produzem e se humanizam, constata-se que as práticas, que culpabilizam e desvalorizam os saberes dos jovens e adultos, ainda definem a EJA na vertente da escolarização (PAIVA, 2006).

Considerando que a reflexão sobre a educação ao longo da vida não é um tema recente, tampouco exclusivo do pensamento brasileiro, cabe destacar que concebemos essa vertente na perspectiva da educação popular, que apresenta uma visão de educação do sujeito na sua totalidade e por toda a sua vida, como defendida por Paulo Freire, em contraposição à concepção de educação ao longo da vida na perspectiva de aligeiramento da formação geral, redução de tempos e conhecimentos produzidos em cursos supletivos, herança do período do regime militar brasileiro, mais especificamente nos anos de 1970 a 1985, quando da atuação efetiva do Movimento Brasileiro de Alfabetização – Mobral (MACHADO; GARCIA, 2011).

Nessa transição paradigmática, o Parecer CNE/CEB nº 11/2000, de autoria de Carlos Roberto Jamil Cury, relativo às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, superou o conceito de ensino supletivo e definiu as seguintes funções da modalidade EJA: função reparadora, função equalizadora e função qualificadora. Por outro lado, os termos da Resolução CNE/CEB nº 1/2000 derivada do referido parecer ainda estão circunscritos à tradição do antigo ensino supletivo (FÁVERO; FREITAS, 2011).

Além disso, tanto o veto imposto ao então Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF), que impediu a aplicação de recursos na EJA, quanto a transferência da organização dessa modalidade aos municípios, que promoveu a transformação, sem maiores adequações, de antigas classes de ensino supletivo em ensino regular noturno, estão fundamentados na tradição do antigo ensino supletivo (FÁVERO; FREITAS, 2011).

Ao focalizarmos a organização da oferta da educação de jovens e adultos da rede municipal de ensino de Vila Velha-ES, contexto das experiências relatadas no presente trabalho, constatamos traços da vertente da escolarização do antigo ensino supletivo. Os cursos da Modalidade da Educação de Jovens e Adultas, na etapa do Ensino Fundamental, possuem organização semestral, são divididos em dois segmentos e cada qual em dois ciclos: Primeiro segmento – Ciclo 1 (1^a e 2^a séries) e Ciclo 2 (3^a e 4^a séries); Segundo Segmento –

Ciclo 1 (5^a e 6^a séries) e Ciclo 2 (7^a e 8^a séries). Nesse sentido, os referidos cursos respeitam a duração total de oito semestres e carga horária mínima de 3200 horas (VILA VELHA, 2012).

Em relação à perspectiva curricular da EJA da rede municipal de ensino de Vila Velha, constata-se que apesar de não superar a concepção de ensino centrado em conteúdos, traço do ensino supletivo, a Resolução nº 10/2012 do Conselho Municipal de Educação (CME) de Vila Velha, em seu artigo 5º, parágrafo 2º, revela uma tímida tentativa de aproximação com a vertente da educação ao longo da vida, na perspectiva da educação popular, por meio da articulação dos conteúdos com as experiências dos sujeitos jovens e adultos:

Os conteúdos curriculares deverão estar articulados com as experiências de vida do educando, em seus aspectos e temas como: saúde, sexualidade, vida familiar social, meio ambiente, trabalho, tecnologia, cultura e linguagens, podendo ser ministrados de forma interdisciplinar e/ou transdisciplinar (VILA VELHA, 2012).

Desse modo, tendo como cenário as contradições da modalidade da educação de jovens e adultos da rede municipal de ensino de Vila Velha, apresentamos na sequência relatos e reflexões sobre práticas educativas, com ênfase no ensino de geografia, na Unidade Municipal de Ensino Fundamental (UMEF) Macionília Maurício Bueno, a partir do paradigma da educação ao longo da vida, na perspectiva da educação popular, que reconhece os jovens e adultos como sujeitos plenos de direito e de cultura e dialoga com os mesmos sobre as suas necessidades de aprendizagem no presente, a fim de transformá-lo coletivamente (DI PIERRO, 2005).

3 EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS DE ENSINO EM GEOGRAFIA NA SEXTA SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL NA MODALIDADE EJA

No início de desenvolvimento do Projeto Pedagógico denominado “Cultura e Memória de Vila Velha”, em meados de 2015, os docentes e a equipe técnico-pedagógica da Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), da Unidade Municipal de Ensino Fundamental (UMEF) Macionília Maurício Bueno dividiram a temática central em subtemas, de forma articulada com grandes áreas do conhecimento. O primeiro subtema, intitulado “Lugares e narrativas comunitárias da Grande Paul, Vila Velha-ES”, ficou na responsabilidade dos educadores dos componentes curriculares da área de Ciências Humanas e Naturais (Geografia, História e Ciências); o segundo subtema, denominado “Cultura Popular das Comunidades de Vila Velha”, ficou a cargo dos educadores da área de Linguagens (Língua Portuguesa, Matemática e Artes); e o terceiro subtema, com o título “Culinária

Popular de Vila Velha”, ficou na responsabilidade das educadoras das séries iniciais (1^a a 4^a série). Além disso, a educadora de Tecnologia da Informação e Comunicação, a Pedagoga, os Coordenadores, Diretor e outros profissionais da escola apoiaram as ações do projeto.

A partir da definição dos temas, os educandos da EJA foram distribuídos e organizados em três grandes grupos, onde desenvolveram pesquisas e produziram materiais, sob a orientação dos educadores responsáveis, em datas específicas, de acordo com o cronograma do projeto e o calendário letivo.

O grupo do subtema “Lugares e narrativas comunitárias da Grande Paul, Vila Velha-ES”, no qual participei como educador de geografia, juntamente com os educadores da área de ciências humanas e naturais, precisou ser dividido em quatro subgrupos, em virtude do número significativo de educandos: o primeiro e o segundo subgrupo realizaram pesquisas sobre fotografias antigas e atuais de Paul, respectivamente; o terceiro subgrupo realizou um resgate de objetivos antigos de suas comunidades; e o quarto subgrupo elaborou um vídeo intitulado “resgatando memórias da grande Paul”.

Os trabalhos desenvolvidos pelos educandos da EJA da Escola Macionília Maurício Bueno, no decorrer do semestre, foram apresentados em um evento de culminância do projeto, que foi realizado na escola no fim do ano de 2015 e contou com a participação de moradores de bairros do entorno da escola, representantes da Secretaria Municipal de Educação de Vila Velha e outros convidados.

Paralelamente às ações pedagógicas realizadas em parceria com os educadores no âmbito do projeto, busquei articular a temática do projeto com o trabalho pedagógico desenvolvido nas aulas de geografia das turmas da quinta, sexta, sétima e oitava série. Nessa exposição, relatarei experiências e práticas de ensino em geografia no contexto da sexta série do ensino fundamental, na Modalidade EJA, da UMEF Macionília Maurício Bueno.

Assim, no contexto das aulas de geografia, trabalhei com educandos da turma de sexta série a leitura e discussão do texto “Depoimentos de escravos brasileiros”, da Coleção Cadernos de EJA, do Ministério da Educação (BRASIL, 2007). Escolhi esse texto, pois o seu conteúdo apresentava conexão direta com a temática do projeto. Além disso, buscava articulações entre a prática desenvolvida em sala de aula e as demais ações do projeto, a fim de que o mesmo, de caráter coletivo, não ficasse estanque, desenvolvendo-se somente com atividades pontuais, totalmente desarticuladas das minhas práticas docentes cotidianas no âmbito do ensino de geografia.

Dessa forma, com o intuito de superar a visão “bancária” de educação, que reduz o processo educativo ao ato de depositar, transmitir e transferir conteúdos, busquei construir

práticas educativas que, tendo como referência a concepção de educação problematizadora, de caráter dialógico e libertador (FREIRE, 2019), tomaram como “ponto de partida” as particularidades, realidades e experiências dos sujeitos educandos.

Na perspectiva de construção do currículo centrado no sujeito, que busca romper com a vertente do ensino supletivo, o meu trabalho pedagógico se voltou inicialmente para a aplicação de um questionário sócioeconômico e étnico-cultural com a finalidade de identificação do perfil dos educandos da turma da sexta série, considerando a necessidade de maior conhecimento sobre as particularidades dos sujeitos.

Após a aplicação do questionário aplicado dos dados, constatei que 33% apresentava idade entre 15 e 17 anos; 39%, entre 18 e 29 anos; e 28% apresentava 30 anos ou mais. Diante disso, percebi que a maioria dos educandos (72%) possuía entre 15 e 29 anos de idade, ou seja, a maior parte da turma era constituída de adolescentes e jovens.

Em relação ao sexo, 57% dos educandos eram do sexo feminino, enquanto 43% do sexo masculino. No que tange à religião, 29% declararam professar a religião Protestante ou Evangélica; 28% afirmaram ser católicos; 29% disseram que não possuem religião; e 14% afirmaram que possuem outra religião.

Nesse contexto, direcionei também os educandos para uma atividade individual de escrita de um texto sobre as suas experiências e “trajetórias” de vida, com o intuito de conhecer mais profundamente esses sujeitos, suas realidades, culturas, saberes, entre outras dimensões de suas vidas, além de diagnosticar os “níveis” de produção textual dos mesmos. Posteriormente, ocorreu a socialização e discussão das produções individuais em sala de aula, além do posterior processo de reescrita dos textos, conforme minhas orientações. Ressalto que esse trabalho com leitura e escrita no ensino de geografia parte também da concepção que essas atividades caracterizam-se como compromissos de todas as áreas do conhecimento, ou seja, não se restringem apenas à disciplina de Língua Portuguesa.

A partir da análise das produções escritas dos educandos sobre as suas experiências e “trajetórias” de vida, identifiquei a presença de duas narrativas predominantes: a) as experiências com o trabalho e dificuldades no campo/êxodo rural, na produção escrita dos adultos; b) as experiências com a violência e drogas na periferia urbana, apresentadas por adolescentes e jovens.

Desse modo, tomando como referência a predominância dessas duas narrativas, que se soma à necessidade de produção de material didático na experiência educacional, ou seja, a perspectiva do educador como produtor de cultura e de conhecimento, elaborei o seguinte texto:

Do Êxodo Rural à Violência na Periferia Urbana

Na década de 1970, a população urbana brasileira ultrapassou pela primeira vez na história do país a população rural, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Nessa transição de um país rural para um país urbano, marcada pelo processo de migração do campo para cidade, denominado de êxodo rural, as populações pobres das cidades passaram a enfrentar diversos problemas socioeconômicos e ambientais, como ausência de saneamento básico, violência, enchentes, falta de moradia, entre muitos outros.

Dentre esses problemas, a violência tem sido marcante nas experiências das crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos que vivem em bairros da periferia de cidades, como Vila Velha-ES.

Essa prática de produção textual, tomando como referência as narrativas dos educandos, está atrelada também à perspectiva de que a leitura da palavra e a leitura do mundo são indissociáveis, uma vez que o comando da leitura e da escrita se dá a partir de e de temas significativos à experiência comum dos educandos (FREIRE, 1987).

Com o intuito de potencializar o momento de leitura do texto “Do Êxodo Rural à Violência na Periferia”, elaborei as seguintes questões para problematização, reflexão e debate em sala de aula: a) Em sua opinião, quais as causas da violência presente em bairros “pobres” de Vila Velha, como Paul e Ilha das Flores? b) Quem são os sujeitos mais afetados pela violência da periferia urbana? c) você já sofreu com a violência? Como foi a sua experiência? d) quais as formas de violência mais comuns em sua realidade?

No momento de leitura, reflexão e debate sobre o texto e as questões propostas, emergiram narrativas dos educandos que destacavam o tráfico de drogas como a causa da violência; que defendiam a ideia de resolver à violência com violência; que denunciavam a violência policial contra o negro na periferia urbana, entre outras.

A partir dessas narrativas, realizamos outras indagações, como essas: a) a droga está presente somente na periferia das cidades brasileiras? b) reagir à violência é a solução para enfrentá-la? Ou há outro caminho? Nesse contexto, aproveitamos para dialogar com os educandos sobre o processo de “extermínio” de adolescentes e jovens, sobretudo, do sexo masculino, em periferias dos centros urbanos brasileiros.

Durante todo o processo educativo relatado, constatei uma ampliação da participação dos alunos, tanto na dimensão da produção textual, quanto na dimensão da leitura e da oralidade. No cerne desse processo, evidenciei também que as temáticas e conteúdos abordados, de maneira dialógica e também relacionado às experiências e realidades dos educandos, tornaram o processo educativo mais significativo.

Após o desenvolvimento desse trabalho pedagógico relatado, as seguintes temáticas emergiram: a) Violência na periferia urbana; b) Preconceito e discriminação racial; c) Êxodo Rural; d) Urbanização. Essas temáticas foram exploradas e abordadas nas aulas de geografia, no decorrer do semestre, em diálogo com as ações do Projeto “Cultura e Memória de Vila Velha”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as reflexões e análises das experiências e práticas de ensino em geografia relatadas no contexto da sexta série da Modalidade EJA, na etapa do ensino Fundamental, da UMEF Macionília Maurício Bueno, destacamos que a abordagem temática do conhecimento em interlocução com os conteúdos de geografia tornou o processo educativo mais participativo e significativo para os educandos, uma vez que o ensino tomou como referência inicial os sujeitos educandos e suas experiências, realidades e culturas.

Portanto, os relatos e as reflexões sobre as experiências e práticas de ensino em geografia apresentadas nesse trabalho podem ser utilizadas como referências para o desenvolvimento de práticas educativas inovadoras na educação de jovens e adultos que buscam superar o paradigma do ensino supletivo, através do paradigma da educação ao longo da vida, na perspectiva da educação popular.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Diversidades e trabalho. **Coleção Cadernos de EJA**. Brasília, DF: MEC/SECAD, 2007.

DI PIERRO, M. C. Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 92, p. 1115-1139, 2005.

FÁVERO, Osmar; FREITAS, Marinaide. A Educação de Jovens e Adultos: um olhar sobre o passado e o presente. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 36, n. 2, p. 365-392, jul./dez. 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que sem completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1987.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 69.a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

MACHADO, Maria Margarida; GARCIA, Lênin Tomazett. Educação ao longo da vida concebida pela lente a fez no Brasil. **Cadernos de Pesquisa em Educação PPGE/CE/Ufes**, Vitória, v. 17, n. 35, p. 195-217, 2011.

PAIVA, Jane. Direito à educação de jovens e adultos: concepções e sentidos. In: Reunião Anual da ANPEd, 29, 2006, Caxambu. 29ª Reunião Anual da ANPEd Educação, cultura e conhecimento na contemporaneidade: desafios e compromissos. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPEd, 2006, p. 1-17.

VENTURA, Jaqueline; CARVALHO, Rosa Malena. Formação Inicial de Professores para a EJA. **Revista Lugares de Educação**, v. 3, p. 22-36, 2013.

VILA VELHA. Secretaria Municipal de Educação. Conselho Municipal de Educação. **Resolução n. 10/2012**. Define, para a Rede Municipal de Ensino de Vila Velha/ES, a estrutura, a organização e normas de funcionamento da Educação de Jovens e Adultos. Vila Velha: SEME/CME, 2012.

Recebido em 01/05/2020.
Aceito em 11/11/2020.